



**Ata da reunião ordinária do plenário do Conselho Municipal de
Políticas Sobre Drogas e Álcool do município de São Paulo - COMUDA.
Dia 3 de Agosto de 2021, das 14h às 17h.**

OBS: Esta reunião foi realizada em meio ao estado de calamidade pública do Estado de São Paulo, de acordo com o decreto nº 64.879, de 20 de março de 2020, e aconteceu remotamente por meio da plataforma digital *Microsoft Teams*.

Conselheiros presentes:

	Nome / e-mail	Instituição
1	Marcia Helena Matsushita mmatsushita@sme.prefeitura.sp.gov.br	Secretaria Municipal de Educação (SME)
2	Claudia Ruggiero Longhi claudialonghi@prefeitura.sp.gov.br	Secretaria Municipal de Saúde (SMS)
3	Maria Isabel Meunier Ferraz isabelmeunier@prefeitura.sp.gov.br	Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS)
4	Fernando de Oliveira Pereira fpereira@prefeitura.sp.gov.br	Secretaria Municipal de Esportes e Lazer (SEME)
5	Nilson da Silva Rosa nsrosa@prefeitura.sp.gov.br	Secretaria Municipal de Segurança Urbana (SMSU)
6	Décio Perroni Ribeiro Filho dpfilho@prefeitura.sp.gov.br	Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC)
7	Elizete Aparecida Rossoni Miranda elizete@patriciabezerra.com.br	Comissão Extraordinária Permanente de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania
8	Alcione Moreno alcionem@uol.com.br	Fundação Porta Aberta
9	Maria Angélica Comis angelica@edelei.org	Centro de Convivência é de Lei
10	Cecília Motta cecimotta@uol.com.br	Associação de Apoio ao Projeto Quixote
11	Michel Willian de Castro Marques michel.c.marques12@gmail.com	Plataforma Brasileira de Política sobre Drogas (PBPD)
12	Felipe Aureliano Martins felipemartins_fsp@usp.br	Associação Brasileira Multidisciplinar de Estudos sobre Drogas (ABRAMD)
13	Lindilene Toshie Shimabukuro lindilene@gmail.com	Instituto Sedes Sapientiae
14	Marcos Muniz de Souza mmuniz.souza@gmail.com	Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP/SP)
15	Carolina Jessica da Silva Salado csalado@crefито3.org.br	Conselho Regional de Terapia Ocupacional (CREFITO-3)
16	Regiane Ferreira regiane@cress-sp.org.br	Conselho Regional de Serviço Social de São Paulo (CRESS/SP)
17	Cristiano Ávila Maronna cmaronna@msm.adv.br	Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de São Paulo (OAB/SP)
18	Andrea Domânico andreadomanico@gmail.com	Conselho Estadual de Drogas (CONED) – Representante da sociedade civil
19	Vera Lucia Bagnollesi vbagnollesi@sp.gov.br	Conselho Estadual de Drogas (CONED) – representante do poder público

Ausências justificadas:

	Nome / e-mail	Instituição
1	Rodrigo Ramos Pinto Medeiros rodrigoramos@prefeitura.sp.gov.br	Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Trabalho e Turismo (SMDET)
2	Paulo Ferreira da Silva paulo.ferreira@saopaulo.sp.leg.br	Comissão Ordinária Permanente de Saúde, Promoção Social, Trabalho e Mulher

Ausências sem justificativa:

	Nome / e-mail	Instituição
1	Vera Lúcia Rodrigues das Neves Hansen vera.hansen@crfsp.org.br	Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo (CRF/SP)
2	Gabrielle Dias gabrielledias@prefeitura.sp.gov.br	Secretaria do Governo Municipal (SGM)
3	Aguardando indicação de conselheiro(a).	Secretaria Municipal de Cultura (SMC)
4	Aguardando indicação de conselheiro(a).	Comissão Extraordinária Permanente da Criança, Adolescente e da Juventude
5	Aguardando indicação de conselheiro(a).	Conselho Regional de Medicina de São Paulo (CREMESP)

Demais presentes:

- Solange Nappo
- Jorge Artur Canfield Floriani (ABRAMD)
- Fernanda Ribeiro Alves Bezerra (SMDHC)
- Nathan Luz
- Gustavo Duque

Pautas:

- Organização da divulgação do relatório da 7ª COMPAD;
- Deliberação de nota referente matéria sobre usuários de drogas apresentado no programa Cidade Alerta ([link da reportagem: clique aqui](#));
- Prevenção na Política de Álcool e Outras Drogas.

Início da discussão:

Décio introduziu a reunião apresentando a pauta referente a prevenção na política de álcool e outras drogas, considerando que a professora Solange Nappo, convidada para falar sobre o tema, só poderia ficar na primeira parte da reunião. Ele agradeceu a participação dela na conversa, dizendo que o COMUDA vinha discutindo questões relativas à violência e à prevenção ao longo das últimas reuniões, assim como em reuniões de um GT junto do CONED. Na sequência, fez uma breve apresentação de Solange: professora e pesquisadora da UNIFESP, com experiência e produções no campo das drogas. Com isso, cada conselheiro se apresentou, dizendo o nome e a entidade a qual representa. **Solange** abriu uma apresentação no *powerpoint*. Ela contou que montou essa apresentação quando falavam que havia uma “epidemia de crack” em São

Paulo, que foi simultânea a epidemia de HIV/ AIDS, deixando a questão do Crack em um segundo plano por certo tempo. A primeira tentativa de um plano nacional de enfrentamento de Crack ocorreu em 2010, tanto que utilizava-se o crack como redução de danos na tentativa de não contrair o HIV pela via endovenosa. Ela discorreu sobre o conceito de epidemia, que é “uma doença que afeta um grande número de pessoas, com um recente e substancial aumento no número de casos”, mas que não coincidiu com a realidade do crack. Ela mostrou como a mídia anunciou uma “epidemia de crack”, sendo que dos 852 artigos publicados sobre drogas no ano de 2011, 833 eram sobre crack e essa visão de uma “epidemia difícil de ser vencida” passou a refletir na população, inclusive na comunidade científica, pois houve um aumento significativo no número de publicações sobre crack. Entretanto, o termo “epidemia de crack” foi utilizado em trabalhos científicos sem referências bibliográficas sobre um alarmante consumo dessa substância, mostrando que essa ideia também foi absorvida pela área acadêmica. Ela também mostrou alguns dados epidemiológicos no Brasil comparando com os dados nos EUA, ressaltando que não havia de fato uma realidade brasileira epidêmica. Assim, Solange explicou algumas características dessa questão nos EUA: também teve a mídia com um papel importante na disseminação da ideia de uma “epidemia de crack” mesmo sem uma evidência científica que desse suporte; houve exploração do horror associado ao uso do crack levando a sociedade a pânico; associou esse horror a alguns grupos étnicos (negros, hispânicos, etc.); houve distorção intencional de dados, com pequenas diferenças supervalorizadas em gráficos. Ela também mostrou algumas distorções de dados na mídia brasileira. Na sequência, ela trouxe algumas reflexões, dizendo que o Crack está no Brasil há mais de 20 anos e no início poucas ações do governo foram realizadas – as ações foram pautadas somente depois pelas mídias, a qual pode ter sido influenciada pela visibilidade das Cracolândias e pela compulsão que o uso dessa substância traz. Ela disse também que, muitas vezes, a mídia e a retórica política desconsideraram outras questões sociais, colocando o uso do crack como a única causa para o problema. Houve, assim, um aumento do preconceito e da violência com os usuários de crack, pois, na visão de algumas camadas da sociedade, estes eram o grupo que formava a “epidemia” e trazia a desordem para a sociedade. Por fim, Solange mostrou algumas imagens de violência policial com usuários de crack, dizendo como essas ações foram sancionadas pela sociedade como uma forma de resolver esse problema, e encerrou a apresentação. Na sequência, ela contou que foi entrevistada pelo programa Fantástico e avaliou a ação do então prefeito João Dória na Cracolândia, dizendo que embora ele pudesse ter ideias boas por trás, a entrada havia sido muito desastrosa, pois as pessoas que estavam Cracolândia não precisavam da força policial e sim de outros elementos. Entretanto, recebeu várias mensagens nas redes sociais após a veiculação da reportagem, incluindo ameaças de morte, o que a deixou bastante assustada. Ela comentou que esse processo era um sinal de como a sociedade aprova esse tipo de violência – e até apoia. Ela também lembrou do exemplo do aluno que foi classificado como inapto pelo ITA após um exame toxicológico que identificou a presença de canabidiol em seu organismo, substância aprovada pela ANVISA, demonstrando a questão moral das drogas no Brasil.

Após a finalização da fala de Solange, **Andrea** comentou que em 2008 foi entrevistada sobre a suposta epidemia do crack. Quando comentou que uma alternativa a essa questão era ofertar outras opções aos usuários além do crack, também recebeu inúmeras críticas, ressaltando o pânico moral atrelado às substâncias, como o crack e o

canabidiol. Ela disse que a intenção do COMUDA era expandir essa discussão, ao falar por exemplo de educação para autonomia ao invés de prevenção ou das diferentes formas de violência englobadas nessa questão. Andrea também lembrou do trabalho de uma pesquisadora chamada Luana que estudou 20 mulheres usuárias de crack no Pelourinho, que mostrou que essas mulheres não estavam na rua pelo crack, mas por serem vítimas de violência que não foram acolhidas pelo Estado e passaram a usar crack para sobreviver essa realidade. Nesse sentido, ela disse que parte da sociedade não quer fazer essa discussão como um todo. Ela ainda agradeceu a apresentação de Solange por trazer a historicidade da questão. **Solange** lembrou da situação em que entrevistou uma mulher que estava grávida e tinha contraído HIV por usar cocaína endovenosa. Uma pergunta do questionário era “o que havia significado ter usado essa droga endovenosa?”, e a resposta foi que tinha sido a melhor coisa que havia acontecido, pois fora importante para sua sobrevivência. Essa mulher ainda tinha sido vítima de violência doméstica e tinha sido expulsa de casa. Assim, Solange disse que a ideia de que só pessoas de mau-caráter usam drogas é errônea. Ela comentou que não está na defesa do uso de drogas, apenas que os contextos devem ser analisados antes de uma punição ou julgamento. **Maria Angélica** comentou sobre o recém-lançado Relatório Mundial de Drogas. Ela disse que, na maioria dos continentes, os opioides e anfetaminas tem sido as grandes questões, mas que na América Latina o uso de cocaína que é um grande problema, somado a questões relacionadas ao tráfico. Além disso, ela mostrou um slide que compara o número de pessoas que fazem uso de drogas (mais de 260 milhões) com pessoas que tem problemas com o uso de drogas (menos de 40 milhões), comentando que o uso de drogas até causam problemas, mas que há uma demonização desproporcional acerca dessa questão. Ela também teceu comentários sobre o aumento do uso de Tramadol no continente africano, um opioide produzido pela indústria farmacêutica, alertando que pode vir a ser uma questão futura no Brasil. Sobre esse último ponto, **Solange** comentou que no Brasil não houve grandes usos de drogas depressoras, pois historicamente os maiores usos foram de drogas estimulantes, apostando que o Tramadol não seria uma questão. Ela também lembrou que a pior droga do século é o álcool, mas que pouco se fala nisso por não haver valores morais tão nítidos quanto com outras substâncias. **Cecília** comentou o quanto nada mudou nos últimos anos, culpabilizando a mídia pelo moralismo envolvido nessa questão e que por vezes utiliza dados epidemiológicos como artimanha, dizendo que o aumento do número de usuários veiculado em algumas mídias muitas vezes não é notado em serviços e equipamentos de saúde. **Jorge Artur** lembrou de fatores culturais envolvidos no uso de drogas, como o fato de haver poucos casos de crianças utilizando drogas injetáveis ou a economia das drogas com a figura das mulheres. **Nathan** comentou que, com a apresentação da Solange, lembrou da frase “uma mentira contada mil vezes se torna uma verdade”, influenciando até o discurso científico e naturalização da violência com o usuário. Crenças como “droga é coisa de vagabundo”, “bandido bom é bandido morto”, “queremos sociedade livre de drogas” vão se fortalecendo e chegam até a profissionais da saúde, policiais e educadores. Ele ressaltou que são crenças normativas, difíceis de questionar, apontando para a importância de dados de pesquisa que questionem essa naturalização. **Décio** teceu comentários sobre a noção equivocada de epidemia de crack no Brasil construída pela mídia, com posterior coro da academia, que desembocou nas ações de violência aos usuários. A imagem do que seriam esses usuários de crack foi sendo construída e deveria se pensar em um processo de

prevenção que englobasse esclarecimentos e desnaturalizações considerando todos esses elementos. **Solange** lembrou do caso dos EUA, em que houve artigos disseminando o pânico moral acerca de usuários de crack, mas que novos artigos progressivamente foram recusando essas primeiras ideias. Ela acredita que, no Brasil, com os mesmos veículos de mídia contradizendo as primeiras ideias moralistas, seria possível um processo progressivo de desnaturalização que atingisse bons resultados, pois há uma resistência muito grande sobre esse assunto. Na sequência, **Décio** perguntou se esse processo atende a um processo mais ideológico ou econômico. **Solange** dizendo que o assunto tem um caráter bastante ideológico, citando uma fala do deputado Osmar Terra, mas que também existem pessoas que se beneficiam dessa visão por camuflar questões mais estruturais. **Carolina** disse que essas convicções são limitadas por não considerar as vulnerabilidades envolvidas da questão da dependência de drogas. Ela questionou como o COMUDA e os profissionais envolvidos no conselho poderiam sensibilizar a mídia, as universidades e a sociedade a ter percepções mais claras sobre os diversos fatores que influenciam essa discussão. **Solange** fez uma provocação aos conselheiros de pensar em como o CEBRID, o COMUDA e as demais organizações presentes poderiam ofertar um curso a jornalistas para tentar expandir essas concepções, se colocando a disposição para organizar conjuntamente. **Andrea** comentou que também é necessário fazer uma discussão sobre o anti-punitivismo, pois o punitivismo também está muito enraizado na sociedade. Sobre a proposta de Solange, ela disse que houve um processo similar sobre o tema do HIV/AIDS de capacitação e divulgação para jornalistas, mas que os membros do conselho também deveriam se inteirar mais das discussões. Por questões de horário, **Solange** se despediu agradeceu pelo convite, dizendo que esse era um “trabalho de formiguinha” por conta das dificuldades de mudar concepções tão instituídas, mas que era dever das pessoas envolvidas com esse assunto divulgar essa concepção desnaturalizada. Com a saída de Solange, **Cecília** lembrou de várias situações em que teve de confrontar concepções e crenças enviesadas ao longo de sua jornada profissional e faz o possível para desconstruí-las. **Décio** falou que havia gostado da sugestão de Solange de pensar em como disseminar alguns conhecimentos e promover um diálogo mais amplo com jornalistas. **Nathan** sugeriu trabalhar também com outros graus de influência, como organizações, instituições, influenciadores e campanhas de mídia, pensando também no âmbito da promoção de saúde.

Com o fim dessa pauta, a reunião foi aberta para informes. **Maria Angélica** informou que o É de Lei fez o lançamento de uma cartilha de acesso à água na região central de São Paulo. Eles organizaram e fizeram ações de colagem de um mapa com informações da localização e da organização do acesso a banheiros públicos, lavanderias e chuveiros da região. **Alcione** compartilhou que no dia 5 de agosto será a formatura do grupo de empreendedores do programa “Costurando para a vida II”. Além disso, renovou o encaminhamento à Fundação Porta Aberta de pessoas com noções de costura.

Décio introduziu a pauta seguinte, referente à organização da divulgação do relatório da 7ª COMPAD, que está em fase de editoração pela área de comunicação da SMDHC. Ele contou que houve uma reunião no dia 21 de julho em que estavam presentes Marcos, Alcione, Elizete, Jorge Artur e Maria Angélica. Ficou decidido que a

divulgação seria no dia 15 de setembro, às 16h. Seria disponibilizada uma fala de um convidado por eixo da conferência, seguida de um comentário geral. O material do relatório será enviado aos convidados previamente, para que as falas sejam organizadas em referência às discussões da conferência, com duração estimada de 15 minutos por fala. Na sequência, Décio introduziu os convidados almejados: Eduardo Valério para o eixo de justiça social e segurança; Teresa Endo para participação social; Leon Garcia para cuidado e atenção; Julia Bernardo para prevenção; e Raquel Rolnik para o comentário envolvendo os quatro eixos e a discussão como um todo. Ele também citou o arquivo de e-mails dos participantes da conferência e o sistema da SMDHC como ferramentas de abranger a divulgação do evento. **Alcione** perguntou se os convidados já haviam aceitado o convite e **Décio** respondeu que eles ainda não haviam sido contatados, pois tinha entendido esses e outros nomes seriam discutidos com os demais conselheiros. **Alcione** argumentou que seria discutido com os demais conselheiros em caso de recusa do convite, visto que essas pessoas costumam ter a agenda lotada, lembrando que os contatos dos convidados almejados foram disponibilizados no chat da reunião. Se disse frustrada, por ser a terceira reunião extraordinária convocada que não havia servido para nada. **Décio** comentou que teve um outro entendimento, mas reconheceu que se confundiu e pediu desculpas aos demais conselheiros. Na sequência, sugeriu que se pensasse em outros nomes caso houvesse alguma recusa. **Jorge Artur** comentou que era colega da Julia Bernardo na ABRAMD Educação e disse que ela havia aceitado o convite. **Décio** também lembrou que Marcos havia falado de maneira informal com Leon, que estaria disposto a participar. **Michel** falou que estava irritado, pois sentia que as reuniões estavam sendo inúteis, em que encaminhamentos não são executados. Criticou a desorganização de Décio e apontou a ausência de Gabrielle enquanto membra da Secretaria executiva do Conselho. Se mostrou indignado, criticando a demora de alguns processos como a divulgação do 7º relatório da COMPAD, também tecendo comentários sobre a forma como o poder executivo municipal estava lidando com o Município. **Andrea** criticou Décio por algumas vezes não respeitar o processo democrático. **Décio** respondeu que respeita a democracia no conselho e que as coisas estão organizadas para a divulgação do relatório da 7ª COMPAD, reforçando que havia se equivocado somente em relação ao lançamento dos convites. **Alcione** reforçou os combinados da divulgação, que seria aberto por uma apresentação artística, um vídeo curto organizado pela Fundação Porta Aberta. Na sequência, **Décio** se responsabilizou pelo contato oficial com os cinco convidados. **Alcione** sugeriu a elaboração de uma arte para a divulgação do evento. **Décio** comentou que a assessoria de comunicação da SMDHC se prontificou a divulgar na mídia o evento e a enviar os e-mails para os participantes da 7ª COMPAD. **Alcione** sugeriu que a divulgação ampla fosse feita 15 dias antes do evento para que as pessoas guardassem a data. Sobre o vídeo artístico que abriria o evento, ela estendeu o convite caso outra entidade quisesse participar desse momento. **Cecília** lembrou de um grupo de *break dance* do projeto Quixote e disse que entraria em contato com eles. **Felipe** se manifestou sobre suas insatisfações com o andamento do conselho, citando desorganizações como a não-escrita das atas e a demora da publicação do relatório da COMPAD. **Andrea** concordou com a fala de Felipe e convidou Décio a questionar a posição dele enquanto presidente. **Cláudia** disse que já estava assuntando a presença de Teresa Endo e, sobre o evento cultural, lembrou de grupos dos CAPS AD que possuem eventos como rodas de sambas e saraus, sugerindo a presença de pessoas que são alvo da política pública de drogas. **Alcione** concordou com

Cláudia, compartilhando também sua preocupação de que o evento não passe da duração prevista de uma hora e meia. **Décio**, retomando as falas de Michel, Felipe e Andrea, reconheceu algumas dificuldades mais pontuais, mas apontou que o conselho estava funcionando bem, lembrando que praticamente todas as atas da atual gestão estavam no site, enquanto na gestão passada havia várias lacunas no registro das reuniões. Também disse que os encaminhamentos estavam sendo realizados de acordo com o que vinha sendo decidido nas reuniões, mesmo que as vezes de forma morosa. Ele lembrou também que muitos ofícios que são enviados acabam não voltando, o que dificulta alguns processos – como o recebimento das respostas da SGM para anexar no relatório da 7ª COMPAD. Reconheceu que é possível melhorar, mas apontou que o foco do conselho vinha sendo debates e discussões de questões de maneira aprofundada. **Alcione** perguntou se seria possível fechar discussão do evento da conferência, lembrando que Décio havia dito da possibilidade de ter o relatório impresso. Também perguntou se já havia sido feito o envio do ofício sobre a renovação das entidades no COMUDA. **Décio** falou que já havia comunicado a SMDHC para enviar os convites, que seriam formalizados pela SGM. Comentou também que houve a saída recente do chefe de gabinete da SMDHC, então iria averiguar essa questão. **Maria Angélica** disse que não havia entendido por que essa portaria sairia pela SGM. **Décio** contou que se entendeu em uma conversa do Gabinete que era prerrogativa do prefeito o convite das entidades.

Sobre a última pauta, **Décio** contou que o conselheiro Marcos havia se manifestado com relação a uma matéria sobre usuários de drogas apresentada no programa Cidade Alerta e havia proposto a publicação de uma nota do COMUDA se posicionando sobre o assunto. **Marcos** comentou que havia assistido esse programa e ficou indignado com o modo como as notícias sobre uma operação policial na Av. Dr. Arnaldo foram veiculadas, por causa do moralismo praticado pelos jornalistas sobre a questão das drogas. Além disso, houve outra reportagem no programa Balanço Geral, de Geraldo Luís. As reportagens indicavam uma incidência de furtos e roubos da região e era carregada de sensacionalismo. Compartilhou seu incômodo e perguntou aos demais conselheiros se achavam pertinente a publicação de uma nota do conselho, dizendo também que acreditava que a melhor estratégia seria enviar essa nota diretamente à direção de jornalismo da Record. Também apontou que pode ter sido constrangedor para os profissionais de políticas públicas saúde e assistência que trabalham diariamente nesse território, perto da Av. Paulista. **Felipe** comentou que, do jeito que a matéria foi veiculada, dava a impressão de que não havia atuação de políticas públicas no território. Ele apontou que o CAPS onde trabalha atua diariamente por lá, com ações de redução de danos, parcerias com Consultório na Rua, SEAS e UBS, tudo em uma tentativa de articular e capitalizar as ações nesses arredores. Ele entende também que pode ter influência da localização, que tem muita visibilidade e é de interesse econômico, mas que não é colocando grades ou chamando a força policial que esse problema é resolvido. **Marcos** também lamentou a resposta da prefeitura sobre essa questão, pois parecia que era só para atender a demanda de um programa de televisão policiaisco que criminaliza certas pessoas da sociedade. Questionou os resultados e os gastos dessa operação. **Jorge Artur** apontou a gravidade de certos projetos de lei recentes, ressaltando a importância dos representantes do poder legislativo na transparência no diálogo. **Maria Angélica** comentou que a sequência dessas matérias indicam a existência de questões políticas envolvidas nas ações

policiais, lembrando de exemplos na Cracolândia da Luz, como o fechamento de um hotel social. Ela lembrou que a cena de uso da Av. Dr. Arnaldo já existe há alguns anos, mas ninguém teve coragem de entrar ali. Ela ainda fez uma provocação, dizendo que era fundamental saber que esse território será a segunda Cracolândia favorita da mídia e isso acaba deixando fora de foco outras cenas de uso que precisam de mais atenção. **Michel** considera que seria importante questionar o quão efetiva e o que essa ação ofereceu as pessoas, para saber porque o poder executivo municipal respondeu a essa demanda dessa forma. Segundo ele, seria importante cobrar o executivo municipal, até porque não esperava uma resposta à altura do jornalismo da Record. Mesmo assim, sugeriu o envio à Record de um material da PBPD sobre jornalismo e a política sobre drogas. **Décio** opinou que o foco da discussão na nota deveria ser sobre o quanto a mídia cria desinformação. Segundo ele, o direcionamento para poder público deveria ser outro, por isso as notas de cobrança ao poder público poderiam ser removidas dessa nota. Além disso, sugeriu não pessoalizar o texto e tirar nomes, apontando que o COMUDA não atuaria na linha da criminalização, mas sim na linha do cuidado no que se refere à política de drogas. Gostou da sugestão de Michel e recomendou também um convite do COMUDA à direção de jornalismo da Record para um diálogo mais amplo, com foco na melhor produção das informações pelos jornalistas. **Regiane** também disse que ficou indignada com a forma como foi colocada a questão das drogas nas reportagens e sugeriu adicionar ao Drive a nota, para que a edição pudesse ser feita por todos. Ela gostou do direcionamento proposto por Décio, e ressaltou que, se fosse organizada uma segunda nota direcionada ao executivo municipal, ressaltaria a defesa e importância das políticas públicas de cuidado, diferenciando por exemplo das comunidades terapêuticas. **Marcos** comentou que, depois das falas de Michel e Jorge Artur, o foco deveria ser na cobrança do governo e da gestão, além de perguntar quais os desdobramentos dessa ação e porque a resposta foi tão rápida. **Décio** comentou que poderia ficar atrapalhado enviar para a Record uma cobrança que não diz respeito a eles. Propôs a elaboração de dois textos – um para a instituição e outra para o Executivo Municipal. Na sequência, compartilhou a tela e mostrou algumas sugestões de alteração do texto que seria direcionado à direção de jornalismo da emissora. **Marcos** e **Alcione** apoiaram as sugestões de Décio. **Décio** perguntou se havia alguma discordância de se elaborar um documento dessa forma e não houve discordância. **Felipe** sugeriu que, quando o texto ficasse pronto, que ele fosse enviado aos conselheiros para aprovação no grupo de *Whatsapp*, e, se aprovado, já fosse lançado. **Alcione** concordou com Felipe, que Décio finalizasse o texto e enviasse por e-mail e por *Whatsapp*. Ela ainda lembrou que a próxima reunião do COMUDA será no dia 14 de setembro, por conta do feriado do dia 7 de setembro. A reunião foi encerrada.